



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v13.1002>

O universo dos objetos em Alexius Meinong

The universe of objects in Alexius Meinong

João Francisco Cortes Bustamante¹

Resumo

Alexius Meinong (1853-1920) concilia o aprendizado e a influência de Franz Brentano (1838-1917) sobre a intencionalidade com a psicologia descritiva e o empirismo britânico. O escrito *Sobre a teoria do objeto (Über Gegenstandstheorie – Selbstdarstellung)*, de 1904, é a pretensão de a *teoria do objeto* ser uma nova ciência e uma ciência independente. A proposta de Alexius Meinong favorece um universalismo metafísico em desafio à metafísica clássica com consequências para com a ontologia e a linguística. O artigo tenta demonstrar como a *teoria dos objetos* como experiência do conhecimento da realidade contrapõe-se à tradição de Parmênides e Aristóteles sobre o ser e a realidade ao mesmo tempo em que oportuniza uma proximidade com a noção dos mundos possíveis. Para isso, Alexius Meinong amplia a noção de conhecimento e desafia as concepções de ser e existir de modo a se valer de uma *teoria dos objetos* como fundamento para o universalismo metafísico de forma a propiciar por meio do objeto uma *teoria do conhecimento*. Por meio de uma metodologia analítica com referenciais bibliográficos primários e secundários, se conclui que mundos possíveis em conjunto com a *teoria dos objetos* é proporcional ao rompimento com a tradição clássica do princípio da não contradição com efeitos na lógica.

Palavras-chave: Teoria dos Objetos. Conhecimento. Mundos Possíveis.

Abstract

Alexius Meinong (1853-1920) balances the learning and the influence of Franz Brentano (1838-1917) on intentionality with descriptive psychology and British empiricism. The write *On the theory of object (Über Gegenstandstheorie – Selbstdarstellung)*, from 1904, is a claim of *theory of objects* as a new science and an independent science. The proposal by Alexius Meinong is in favour of metaphysical universalism in defiance of classical metaphysics with consequences for ontology and linguistics. The article searches to demonstrate how the *theory of objects*, as experience of the knowledge of reality, is in opposition to the tradition of

¹ Doutorando e Mestre m Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2022).

E-mail: joao.bustamante@edu.pucrs.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2069-6506>

Parmenides and Aristotle, about being and reality at the same time that it emerges a nearness with the notion of possible worlds. For this, Alexius Meinong expands the notion of knowledge and challenges the conceptions of being and existing in order to make use of a *theory of objects* as a basis of metaphysical universalism in order to provide, through the object, a *theory of knowledge*. Through an analytical methodology with primary and secondary bibliographic references, it is concluded that possible worlds conjoined with the *theory of objects* is proportional to decouple from the classic tradition of the principle of non-contradiction with effects on logic. Keywords: Theory of Objects. Knowledge. Possible Worlds.

Introdução

Alexius Meinong (1853-1920)² é um pensador austríaco com formação inicial em doutorado filosófico em história e filologia pela Universidade de Viena. Aproxima-se de Franz Brentano (1838-1917), um dos examinadores de sua banca de doutorado, e se torna aluno de seus cursos. Alexius Meinong consegue, sob a orientação de Franz Brentano, a habilitação em filosofia pela Universidade de Viena, mas é em Graz onde estuda e pesquisa sobre os temas concernentes à filosofia e à psicologia e constituirá a denominada *Escola de Graz*.

A transição do século XIX para o século XX é demarcada por estudos e posicionamentos filosóficos que abarcam aproximação, integração ou rejeição ao cientificismo, ao positivismo e ao psicologismo. A proximidade com Franz Brentano incentiva Alexius Meinong a se interessar, estudar e pesquisar sobre psicologia, mais especificamente, a psicologia descritiva inserida na filosofia como fenomenologia. Ao mesmo tempo, Alexius Meinong inclina-se ao empirismo britânico de forma que ao longo de seus estudos e escritos desenvolve um filosofia não associada à psicologia ou ao empirismo, mas uma filosofia prática composta por psicologia, empirismo, lógica, epistemologia, metafísica e ética.

Em essa aproximação histórica sobre Alexius Meinong, se propõe expor como o escrito *Sobre a teoria do objeto (Über Gegenstandstheorie - Selbstdarstellung)*³, de 1904, é uma referência metafísica e epistemológica próxima

² Informações biográficas conforme STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Alexius Meinong, Stanford, 2019. Acessado em 04/05/2020 e encontrado em <https://plato.stanford.edu/entries/meinong/>.

³ O artigo contempla o texto original e a tradução em português como forma de se aproximar dos termos utilizados pelo pensador. Para isso, se utiliza as seguintes referências: MEINONG, Alexius (1904). *Über Gegenstandstheorie – Selbstdarstellung*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1988. Acessado em 15/05/2020 e encontrado em <https://meiner-elibrary.de/media/upload/leseprobe/9783787307203.pdf> e MEINONG, Alexius. (1904). Sobre a

do empirismo britânico e não psicológica. Mais do que isso, é indicar o *objeto*⁴ como *todo* o conhecimento da realidade em que a filosofia prática é o caminho para discernir sobre os objetos na referência distintiva do ser humano entre mundo e pensamento. É ensaiar como Alexius Meinong concebe objetos como relacionado ao que se pensa e como se pensa em favor de um universalismo metafísico com desafios ontológicos e linguísticos. A metafísica contemporânea detém correntes filosóficas a favor e contra a proposta de a *teoria do objeto* desde a repercussão da reação de Bertrand Russell (1872-1970) em um debate filosófico em aberto até os dias de hoje. O objetivo do artigo é lidar com a *teoria dos objetos* de Alexius Meinong como experiência do conhecimento da realidade em desafio à tradição de Parmênides e Aristóteles sobre o ser e a realidade e como uma proposta de noção dos mundos possíveis.

A expansão do conhecimento

O conhecimento é um dos eixos da filosofia ou de qualquer proposta filosófica. O conhecimento é tanto ponto de partida quanto ponto de chegada da filosofia em possível interação com temáticas centrais como verdade, cosmos, razão, ideias, experiência, entre outras. Alexius Meinong propõe, com isso, o conhecimento delineado por um conhecimento da realidade para uma *teoria dos objetos* associado aos objetos. De modo mais específico, responder *o que é conhecimento?* tende a clarificar sobre os objetos e sobre o conhecimento da realidade.

Alexius Meinong concebe a consciência como ponto de partida para o conhecimento. O fundamento é a psicologia descritiva em um equilíbrio com a realidade empírica a fim de que a consciência lide com os atos e os juízos de consciência. Esse início é a provocação filosófica e, o pensador define,

Que não se pode conhecer sem conhecer algo; mais genericamente, que não se pode julgar e também não representar sem julgar sobre algo ou representar algo, isto pertence ao mais evidente sob uma consideração elementar dessas experiências. (MEINONG, 2005, p. 93)⁵

teoria do objeto. In: BRAIDA, Celso R. (org., trad. e apres.) *Três aberturas em ontologia: Frege, Twardowski e Meinong*. Florianópolis: Rocca Brayde, 2005. p. 91-145.

⁴ No texto original, "Gegenstand".

⁵ No texto original (1988, p. 1), "Daß man nicht erkennen kann, ohne etwas zu erkennen, allgemeiner: daß man nicht urteilen, ja auch nicht vorstellen kann, ohne über etwas zu urteilen, etwas

Transita-se entre as experiências da realidade e da consciência que inclinam para um *algo*, ou seja, uma intencionalidade. Este *algo* se confunde tanto com o objeto quanto em como as diversas ciências concebem esse *algo*. A intencionalidade para com *algo* em Meinong é sintetizada:

Segundo Meinong, intencionalidade é aquela característica específica da cognição que distingue eventos psicológicos dos eventos não psicológicos. A intencionalidade é aquela característica fundamental segundo a qual qualquer estado mental é sempre direcionado a um objeto e, assim sendo, qualquer estado mental requer necessariamente o objeto para o qual é direcionado. Segue-se também que tudo o que pode ser alvo de uma atividade mental é de fato um objeto (Gegenstand). (CASATI, 2017, p. 54)⁶

Alexius Meinong propõe, dessa forma, elevar o objeto como teoria capaz de apresentar a distinção de qual objeto se conhece ou se julga quando diante do conhecimento da realidade a fim de que expanda o conhecimento em termos de totalidade. Mais especificamente, Alexius Meinong recusa de que objeto limita-se ao que existe na realidade e, sim, expõe de que objeto detém uma totalidade quando compreendida na ontologia e para além da ontologia. A metafísica é, assim, posta também em desafio, pois, “A Metafísica lida, sem dúvida, com a totalidade do que existe. Mas, a totalidade do que existe, incluindo aí o que existiu e o que existirá, é infinitamente pequena em relação a totalidade dos objetos de conhecimento” (MEINONG, 2005, p. 96)⁷.

Essa totalidade não é como fim, mas sempre em capacidade de expansão tendo em vista de que o ser humano de Meinong é aquele que vive no conhecimento da realidade conjugada entre mundo e pensamento. Como consequência, realidade e existência apresentam necessidade de definição para que conjugue a metafísica expansionista proposta com a ontologia e a linguagem.

Ao se instituir de que o conhecimento da realidade consiste no que existe, a realidade é compreendida *só e somente só* em aquilo que existe. A existência não

vorzustellen, gehört zum Selbstverständlichsten, das bereits eine ganz elementare Betrachtung dieser Erlebnisse ergibt”.

⁶ Tradução do autor. O original é: “According to Meinong, intentionality is that specific feature of cognition which distinguishes psychological events from non-psychological events. Intentionality is that fundamental feature according to which any mental state is always directed towards an object and, as such, any mental state necessarily requires the object towards which it is directed. It also follows that whatever can be a target of a mental activity is indeed an object [Gegenstand]”.

⁷ No texto original (1988, p. 4), “Metaphysik hat es ohne Zweifel mit der Gesamtheit dessen zu tun, was existiert. Aber die Gesamtheit dessen, was existiert, mit Einschluß dessen, was existiert hat und existieren wird, ist unendlich klein im Vergleiche mit der Gesamtheit der Erkenntnisgegenstände”.

abre vereda para o *não existente*. A existência do que somente existe é o conhecimento da *realidade efetiva*⁸ de aquilo em que está no mundo e no tempo em uma relação espaço-tempo e concreta. De outra forma, é o que está no mundo e tem ontologia em uma concepção fisicalista, ou seja, é *existente* e é *ser*.

Alexius Meinong concebe a existência *fisicalista* como um objeto, mas não o único objeto do que existe. Os limites da metafísica são provocados quando afirma de que, “(...) o interesse vivo pelo efetivo, que está em nossa natureza, favorece esse excesso que consiste em tratar o não-efetivo como um simples nada (...)” (MEINONG, 2005, p. 96)⁹. A *teoria do objeto* de Meinong deve abarcar também aquilo que não é concreto, não é fisicalista. De outro modo, há objetos não existentes em realidade efetiva ainda que possa ter relação com a realidade efetiva, e esses objetos não existentes são componentes do conhecimento porque “(...) são dotados de uma subsistência (*bestehen*), mas em nenhum caso de existência (*existieren*) e, por conseguinte, não podem de maneira alguma ser efetivos” (MEINONG, 2005, p. 96-97)¹⁰. É o caso da matemática em que o conhecimento é sobre algo *não existente*, mas que, na expressão de Meinong, é subsistente.

A proposta de o pensador austríaco de uma *teoria dos objetos*, com isso, engloba os objetos existentes na realidade efetiva e os objetos não existentes, mas subsistentes. Cabe ressaltar a diferenciação metafísica, ontológica e linguística inserida na concepção de conhecimento dos objetos existentes e dos objetos não existentes, mas subsistentes de Alexius Meinong. Há uma proposta de expansão da metafísica sobre o conhecimento de existentes e não existentes (subsistentes) ao invés de limitar ao que existe, ao efetivo. Quanto a ontologia, os objetos não existentes, mas subsistentes detém um *ser*, ou seja, na linhagem de intencionalidade, o ato mental direciona-se a um objeto subsistente e é *ser* ainda que não exista como efetivo. No caso linguístico, se concebe proposições em que os objetos não existentes (subsistentes) são expressão do ato mental. Em um caso exemplificativo, o número dois constitui-se de ontologia e de linguagem porque se apreende ato mental intencional ao número dois e se pode afirmar e vocalizar de que “o número 2 é antes do número 3” e, com isso, dar existência a um subsistente.

⁸ No texto original, “Wirklichkeit”.

⁹ No texto original (1988, p. 4), “(...) Interesse am Wirklichen, das in unserer Natur liegt, die Übertreibung begünstigt, das Nichtwirkliche als ein bloßes Nichts (...)”.

¹⁰ No texto original (1988, p. 4-5), “(...) die zwar bestehen, in keinem Falle aber existieren, daher auch in keinem Sinne wirklich sein können”.

Como consequência, o conhecimento se expande e “Não há, então, nenhuma dúvida: o que deve ser objeto de conhecimento não tem nenhuma necessidade de existir” (MEINONG, 2005, p. 99)¹¹.

Em essa senda, outro tipo de objeto compõe a expansão de conhecimento proposta por Alexius Meinong, os objetos impossíveis. Os denominados *impossibilia* são delineados como não existiram, não existem e não existirão em que não se encontram no espaço e no tempo e o possível não é condição de efetividade. O impossível não se torna possível como realidade efetiva tampouco corresponde aos subsistentes, porém os *impossibilia* são objetos do conhecimento. O argumento filosófico de Alexius Meinong consiste em os *impossibilia* serem objetos de ato mental e de expressão linguística. Como consequência, o conhecimento de o ser humano sobre a realidade não é limitada à realidade efetiva nem ao conjunto da realidade efetiva e dos subsistentes, pois também se soma os *impossibilia*. Alexius Meinong transpõe os objetos impossíveis como realidade, pois requer boas razões para compreender o ato mental de quem expressa objetos como Papai Noel, Coelho da Páscoa ou Unicórnios. Os *impossibilia* delimitados como ficcionais são componentes do mundo e do pensamento em que são objetos do conhecimento, e “A aceitação de Meinong de uma ontologia tão incomum é sustentada por sua escolha de busca ontológica” (SHARPSTEEN, 2010, p. 99)¹². Alexius Meinong não trai e não se limita, assim, a formação inicial do empirismo britânico e da psicologia descritiva de influência de Franz Brentano, pois o alvo é tudo aquilo que é passível e possível e impossível para o ato mental. Conquanto seja formado em essa linhagem filosófica, Alexius Meinong detém na proposta da *teoria dos objetos* e, principalmente, de que o conhecimento é expansivo pela realidade efetiva, pelo possível e pelo impossível, uma ontologia diferenciada por meio de uma metafísica que não seja limitada e junto à linguagem como o meio permissível para manifestação e descrição de atos mentais em capacidade de expansão do conhecimento.

¹¹ No texto original (1988, p. 7), “Es unterliegt also keinem Zweifel: was Gegenstand des Erkennens sein soll, muß darum noch keineswegs existieren”.

¹² Tradução do autor. O original é: “Meinong’s acceptance of such an unusual ontology is underwritten by his choice of ontological pursuit”.

Para além do *ser* e do *existir*

Alexius Meinong provoca, como mínimo, a metafísica aristotélica em consonância com a ontologia. A diferenciação referenciada entre uma metafísica sobre o que existe e uma proposta de *teoria dos objetos* como ciência é demarcar de que os objetos e *ser* não somente se distinguem como também ontologia e linguística permitem que os objetos do conhecimento sejam expandidos e estejam em expansão.

A provocação de Meinong consiste em como é possível expressar *ser* e existência em que objeto é o conhecimento. De outro modo, *ser* e existir são componentes de expressão de objetos do conhecimento, mas os objetos não se limitam ao *ser* e a existência. Por isso, em uma proposta de *teoria dos objetos*, *ser* e existir estão além do fundamento de compreensão filosófica na tradição de Parmênides e Aristóteles, principalmente no princípio da não contradição.

Em esse sentido, “Es necesario decir y pensar que lo Ente es; pues es el Ser, pero la Nada no es” [MOLINER, 1960, p. 8, (PARMENIDES, *Los fragmentos del poema*, 6,1)] em um firmamento concepcional na história filosófica de que o *ser é e não ser não é*. No caso do princípio de não contradição:

É impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo, pertença e não pertença a uma mesma coisa, segundo o mesmo aspecto (e acrescentem-se também todas as outras determinações que se possam acrescentar para evitar dificuldades de índole dialética) (ARISTÓTELES, *Metafísica*, Γ 3, 1005b 20).

Alexius Meinong concebe a linha mestra no objeto e, como consequência, o *ser* e o existir não podem limitar e impedir o objeto do conhecimento. Desse modo, o pensador austríaco reflete e diferencia o *ser*, o existir, o *não ser* e *ser-tal*¹³ como linhagem da proposta de *teoria dos objetos* por meio da expansão do conhecimento. A ênfase de Alexius Meinong consiste em como lidar com o *ser* e o *não ser* tendo em vista a abarcar os objetos da realidade efetiva, do possível e do impossível. Para isso, se afirma,

(...) as figuras de que trata a geometria não têm existência, como nós sabemos; e, no entanto, suas propriedades, logo, seu *ser-tal*, podem ser indubitavelmente constatadas. (...) o *ser-tal* de um objeto não sofre

¹³ Alexius Meinong nomina o §3. *Ser-tal e não-ser* em que no texto original (1988, p. 7) é §3. *Sosein und Nichtsein*.

nenhum interdito pelo não-ser (*Nichtsein*) deste objeto. Este fato é suficientemente importante para que nós formulemos como sendo expressamente o princípio da independência do ser-tal em relação ao ser. (...) não apenas os objetos que não tem existência de fato, mas também aqueles que não podem existir porque são impossíveis. (MEINONG, 2005, p. 100)¹⁴

O *ser*, o *não ser*, o existir e os *impossibilia* requerem, para o pensador austríaco, abdicar do comprometimento ontológico em um diferencial entre o objeto correspondente ao que existe e ao objeto que não existe e é impossível, porém é objeto do ato mental. O mote de Alexius Meinong é aproximar a expressão linguística dos atos mentais de um objeto para com a expansão do conhecimento, ou seja, quais são as boas razões diante de um objeto impossível, o qual é parte de um constructo argumentativo, narrativo ainda que seja impossível? Não há objeção, inclusive ao considerar o princípio da não contradição, para que a dimensão *ser*, *não ser*, existir e *impossibilia* seja apreciada pelo ser humano em vivência com a realidade, ou seja, um ser humano vive e transita entre a realidade efetiva (*ser* e existir), os *possibilia* (possível e mundo atual; possível e mundo não atual), e os *impossibilia* (não existem de fato e não podem existir; não estão no espaço-tempo).

Cabe ressaltar a influência de David Hume e Franz Brentano, entre outras considerações filosóficas, em o esforço do pensador austríaco para dirimir sobre a percepção, a representação e a existência em um balancear da realidade efetiva para com os atos mentais intencionados aos objetos do conhecimento em expansão na proposta de *teoria dos objetos*. Como consequência, para diferenciar o *ser* como *existente* de o *ser* como objeto de juízo do ato mental para corresponder ao próprio juízo do *não ser*, afirma, “Quem gosta de paradoxos pode muito bem dizer: há (*est gibt*) objetos a propósito dos quais se pode afirmar (*von denen gilt*) que não há tais objetos” (MEINONG, 2005, p. 101)¹⁵.

O paradoxo exposto por Alexius Meinong também é uma provocação do pensador austríaco para aqueles que à sua época, mas também aos dias de hoje, lidam com matemática, lógica, linguagem e epistemologia por meio de verificação

¹⁴ No texto original (1988, p. 8), “(...) die Figuren, von denen die Geometrie handelt, existieren nicht, wie wir wissen; dennoch sind ihre Eigenschaften, also wohl ihr Sosein, festzustellen. (...) Sosein eines Gegenstandes durch dessen Nichtsein sozusagen nicht mitbetroffen ist. Die Tatsache ist wichtig genug, um sie ausdrücklich als das Prinzip der Unabhängigkeit des Soseins vom Sein zu formulieren. (...) nicht nur Gegenstände unterstehen, die eben faktisch nicht existieren, sondern auch solche, die nicht existieren können, weil sie unmöglich sind”.

¹⁵ No texto original, “Wer paradoxe Ausdrucksweise liebt, könnte also ganz wohl sagen: es gibt Gegenstände, von denen gilt, daß es dergleichen Gegenstände nicht gibt” (1988, p. 9).

dos argumentos em um paradoxo. A seara das premissas e da conclusão é o ponto fulcral dos paradoxos ainda que sejam acrescentados dos elementos tão caros a alguns pensadores e filósofos do século XX e XXI como crença, verdade, racionalidade, irracionalidade, entre outros.

No paradoxo expresso pelo pensador austríaco, cabe considerar a afirmação “Aqui Meinong concorda claramente com a afirmação de que temos que considerar nossa linguagem, ou talvez mais precisamente, a estrutura de pensamento expressa por ela, pelo valor de face” (BACIGALUPO, 2014, p. 41)¹⁶. Alexius Meinong utiliza o paradoxo para expor afirmações como comprometimento de existência de um objeto para que se negue a existência do objeto como, por exemplo, “O círculo quadrado não existe”. O pensador austríaco lida e provoca com os silogismos e a linguagem como forma de capturar a metafísica por meio das alegações. Além disso, Alexius Meinong convida a pensar quando o estado mental direcionado ao objeto acarreta de que para negar existência ao objeto, o ajuizamento carrega o objeto.

De outro modo, o pensamento abarca o objeto em um vínculo de que pensamento não se realiza sem objeto ainda que os atos de pensamento e o objeto não se confundam. Cabe ressaltar o princípio da independência do ser-tal em relação ao ser, bem como a diferença entre o objeto e o objetivo¹⁷ apresentados pelo pensador austríaco, pois, especificamente sobre a mereologia, como destaca:

Meinong introduziu a noção de ‘Objetivo’ que corresponde, basicamente, à nossa noção de proposição. Mas, como dissemos, sua perspectiva não é semântica, mas intencional. Assim, Objetivos são complexos judicáveis, entidades complexas que sujeitos cognitivos acessam via intencionalidade. Ao julgar, atribuímos verdade ou falsidade a um Objetivo. (IMAGUIRE, 2014, p. 8)

Desse modo, o objetivo é “O círculo quadrado não existe” julgado como verdadeiro ao mesmo tempo em que o objetivo no pensamento corresponde a um objeto na compreensão de Alexius Meinong em consonância com o princípio de independência do ser-tal em relação ao ser, bem como diferenciar *ser*, *não ser*, *existir* e *impossibilia*.

¹⁶ Tradução do autor. O original é: “Here Meinong clearly subscribes to the claim that we have to take our language, or perhaps more precisely the thought structure expressed by it, at face value”.

¹⁷ Gilles Deleuze delineia o *sentido* tendo como uma das referências o *objetivo* em Alexius Meinong. Para isso, consultar, LOPES, Luiz Manoel. Teoria do sentido em Deleuze, *Anais de Filosofia*, São João del-Rei, n. 10, p. 203-220, jul. 2003.

Essas diferenças e diferenciais de Alexius Meinong somam-se ao universo aberto e expandido dos objetos do pensador austríaco em uma compreensão entre metafísica, ontologia e linguagem em que se abre uma vereda para que a *teoria dos objetos* adentre outras noções filosóficas. A proposta de *teoria de objetos* consubstanciada em desafio à tradição do princípio de não contradição em conjunto com a expansão do conhecimento e de uma compreensão *além do ser e do existir* permite, assim, exercitar a noção de mundos possíveis.

Mundos possíveis

Alexius Meinong oportuniza uma proposta de noção de mundos possíveis ou, ao menos, uma proximidade com os mundos possíveis. Ao se delinear o possível em relação ao necessário ou ao impossível, se tem uma compreensão de a realidade efetiva em que o possível coaduna-se tanto com o atual quanto com o possível.

A *teoria dos objetos* do pensador austríaco demanda prudência sobre a temática dos mundos possíveis. A prudência decorre tanto pela expansão do conhecimento quanto à compreensão ontológica de objeto de Alexius Meinong. Igualmente, as sentenças sobre possíveis têm-se as diferenças e os diferenciais entre o objetivo e o objeto no pensamento. Cabe considerar, como consequência, a observação:

Um objeto é meramente possível se não existe no mundo atual, mas existe em pelo menos um mundo possível. (...) parece plausível supor que sua possibilidade ou impossibilidade advém da compatibilidade/incompatibilidade das propriedades por ele instanciadas. (IMAGUIRE, 2014, p. 1)

A perspectiva da metafísica contemporânea, como consequência, abrange uma provocativa divisão entre mundos possíveis e *teoria dos objetos* com as respectivas adesões entre os pensadores¹⁸, ou seja, os meinonguianos, neo-meinonguianos, entre outros (IMAGUIRE, 2014). O artigo propõe centralizar o exercício da reflexão de como conceber os mundos possíveis na referência primeira, ou seja, *só e somente só* em Alexius Meinong. Além disso, ponderar como o pensador austríaco por meio da *teoria dos objetos* centraliza a dimensão do

¹⁸ Um exemplo é o debate sobre a influência de Alexius Meinong no pensamento filosófico de David Lewis (1941-2001). Para isso, ver LINSKY, Bernard; ZALTA, Edward N.. Is Lewis a Meinongian?, *Australasian Journal of Philosophy*, London, v. 69, n. 4, p. 438-453, dez. 1991.

conhecimento como fundamental para qualquer proposta filosófica derivada.

Em relação aos mundos possíveis, se arrisca considerar de que os *impossibilia* como objetos do conhecimento sejam objetos de mundos possíveis. De outro modo, em um mundo possível por meio da *teoria dos objetos* de Alexius Meinong se contempla os objetos existentes, os objetos subsistentes e os objetos *impossibilia*. Em essa senda, a proposta de mundos possíveis em Alexius Meinong aproxima-se com a noção de expansão do conhecimento, no ato do conhecimento e na psicologia do conhecimento. É importante ressaltar, como consequência, que os existentes e os subsistentes abrem vereda para os mundos possíveis, mas como lidar com os *impossibilia* em mundos possíveis? O primeiro pressuposto é considerar que “(...) o objeto puro se situa para além do ser e do não-ser” (MEINONG, 2005, p. 105)¹⁹ em conjunto com o segundo pressuposto:

(...) tudo o que é cognoscível é dado (*gegeben*) – precisamente ao conhecer. E, na medida em que todos os objetos são cognoscíveis, a todos sem exceção pode ser atribuído o ser-dado (*Gegebenheit*) como propriedade universal, quer eles sejam quer não. (MEINONG, 2005, p. 112)²⁰

Essa perspectiva permite conceber de que os objetos impossíveis na *teoria dos objetos* de Alexius Meinong sejam objetos possíveis, não atuais, nos mundos possíveis como *impossibilia*. O contra-argumento corresponde de que os mundos possíveis estão em relação ao atual em que o objeto possível é um possível e não atual, ou seja, os *impossibilia* não são passíveis de mundos possíveis tendo em vista que são *impossibilia* e não objetos possíveis.

A proposta de ensaiar mundos possíveis por meio da *teoria dos objetos* de Alexius Meinong requer que a realidade não seja a realidade efetiva, tampouco a noção possível e atual, mas, sim, de que a realidade é expansão do conhecimento e do ato de conhecer. Igualmente, demanda considerar, como exposto anteriormente, que a *teoria dos objetos*, o *ser* e o *existir* e, com isso, o exercício de reflexão sobre os mundos possíveis em Alexius Meinong estão além da tradição filosófica do princípio da não contradição²¹. Esses tópicos são desenvolvidos em escritos posteriores de

¹⁹ No texto original, “(...) jenseits von Sein und Nichtsein” (1988, p. 12).

²⁰ No texto original, “Alles Erkennbare ist gegeben - dem Erkennen nämlich. Und sofern alle Gegenstände erkennbar sind, kann ihnen ohne Ausnahme, mögen sie sein oder nicht sein, Gegebenheit als eine Art allgemeinsten Eigenschaft nachgesagt werden” (1988, p. 19).

²¹ O princípio da não contradição é um dos fundamentos da lógica clássica. A lógica paraconsistente propõe-se em ir além do princípio da não contradição, bem como em outros princípios da lógica

Alexius Meinong, como resultado de contestações aos posicionamentos filosóficos assumidos, e, se enfatiza:

Ele tenta refutar as principais objeções suscitadas por sua filosofia acusada de violar o princípio da contradição e ter que admitir, apesar de tê-la, a existência de objetos contraditórios. Sobre o primeiro aspecto, Meinong explica que, se o princípio de contradição se aplica sem restrição ao real e ao possível, ele perde sua validade no mundo do irreal, e que é preciso levar em consideração se quisermos incluir o irreal no domínio do conhecimento. Ele então considera a segunda objeção, a mais séria em sua opinião. Ela tem suas origens em proposições que, baseadas na suposta existência de objetos impossíveis, deveriam, ao que parece, concluir que elas realmente existem. (VAX, 2000, p. 18)²²

Cabe ressaltar também a necessidade de *como* considerar tanto a temática do *ser e existir* no estado mental em Alexius Meinong e as consequências ontológicas ao mesmo tempo em que se determina a concepção e as implicações da assunção dos objetos não existentes tanto como subsistentes quanto *impossibilia* (CRANE, 2012; LECLERC, 2015).

A assunção da noção de mundos possíveis em Alexius Meinong é condicionada por aceitar a proposta filosófica da *teoria dos objetos* e as consequências ontológicas, metafísicas e epistemológicas. Qualquer proposta divergente da *teoria dos objetos* derroga o arcabouço de Alexius Meinong, e a divergência para com a ousada da *teoria dos objetos* é a fonte para a divisão de posicionamentos e correntes filosóficas entre os pensadores desde Bertrand Russell (1872-1970), Willard van Orman Quine (1908-200) e Gilbert Ryle (1900-1976) até Roderick Chisholm (1916-1999), Richard Sylvan (1935-1996), Graham Priest (1948-) e Naoya Fujikawa²³.

clássica. Consultar STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Paraconsistent Logic, Stanford, 2019. Acessado em 21/06/2020 e encontrado em <https://plato.stanford.edu/entries/logic-paraconsistent/>.

²² Tradução do autor. O original é: “Il s’y efforce de réfuter les principales objections suscitées par sa philosophie accusée de violer le principe de contradiction et de devoir admettre, en dépit qu’elle en ait, l’existence d’objets contradictoires. Sur le premier point, Meinong explique que, si le principe de contradiction s’applique sans restriction au réel et au possible, il perd sa validité dans le monde de l’irréel, et qu’il faut en tenir compte si l’on veut incluire l’irréel dans le domaine de la connaissance. Il envisage ensuite la seconde objection, la plus grave à son sentiment. Elle tire son origine de propositions qui, se fondant sur l’existence supposée d’objets impossibles, devraient, semble-t-il, conclure à leur existence réelle”. Consultar VAX, Louis. Meinong et les impossibilia avec un appendice de Gaston Thoma, *Philosophia Scientiæ*, Nancy, v. 4, n. 2, p. 1-66, 2000. Acessado em 21/06/2020 e encontrado em http://www.numdam.org/article/PHSC_2000__4_2_1_o.pdf.

²³ Professora da Universidade de Tóquio. Sobre a produção acadêmica e demais informações, consultar <https://u-tokyo.academia.edu/NaoyaFujikawa>.

Em essa senda, perguntas e definições são expostas sobre metafísica, real e irreal, existência, entre outros, a fim de como lidar com as provocações filosóficas advindas da *teoria dos objetos* de Alexius Meinong e uma eventual proposta ou proximidade em relação aos mundos possíveis.²⁴ O desafio posto pelo pensador austríaco com a *teoria dos objetos* e as demais obras e, talvez, com um eventual exercício sobre os mundos possíveis reverbera na história da filosofia, pois, como salienta:

Os vencedores, como diz o ditado, escrevem a história. O *Meinongianismo* se tornou um termo de abuso. Ele era um bolo de frutas, uma aberração momentânea na história da filosofia ocidental, que logo foi corrigida por Russell e Quine. A história, observo, está completamente errada: a maioria dos grandes lógicos medievais, como Jean Buridan e Paul de Veneza, invocava objetos inexistentes em contextos do tipo em que Meinong estava interessado - sem mencionar o próprio Aristóteles. Ainda assim, a maioria dos lógicos contemporâneos não sabe muito sobre a história da lógica. E para o bem ou para o mal, a visão sobre Meinong tornou-se uma ortodoxia inquestionável. Certamente foi essa a opinião que eu mesmo mantive quando era um jovem filósofo no início dos anos 1970. (PRIEST, 2016)²⁵

Cabe enveredar ou não, portanto, pela *teoria de objetos* de Alexius Meinong para que, talvez, se incorpore uma proposta de noção de mundos possíveis ou, ao menos, uma proximidade, e, para isso, ao menos de modo estrito, cabe considerar *impossibilia* como objetos possíveis, não atuais em uma realidade dada como expansão do conhecimento e não como realidade efetiva. Qualquer proposta divergente tende a considerar *teoria dos objetos* de Alexius Meinong versus mundos possíveis, bem como manter princípios filosóficos clássicos ou não.

²⁴ Um exemplo de como lidar com os termos e conceitos e evitar se comprometer com o legado de Alexius Meinong é o caso do *Realismo Inocente* de Susan Haack. Ao expor as definições, “There really are fictional characters, in short; but fictional characters are not real. Some readers may find this explanation alarmingly reminiscent of Alexius Meinong’s observation that “[t]here are objects of which it is true that there are no such objects” (HAACK, 2016, p. 12).

²⁵ Tradução do autor. O original é: “The victors, as the saying goes, get to write the history. *Meinongianism* became a term of abuse. He was a fruitcake, a momentary aberration in the history of Western philosophy, which was soon righted by Russell and Quine. The history, I note, is completely wrong: most of the great medieval logicians, like Jean Buridan and Paul of Venice, invoked non-existent objects in contexts of the kind in which Meinong was interested—not to mention Aristotle himself. Still, most contemporary logicians don’t know much about the history of logic. And for better or worse, the view about Meinong became unquestioned orthodoxy. It was certainly the view that I myself held when I was a young philosopher in the early 1970s’.

Conclusão

A transição entre o século XIX e o século XX demarca um dos momentos da história da filosofia em que se questiona o positivismo, o cientificismo e a psicologia. Esse questionamento abre caminhos para que diversos pensadores posicionassem e propusessem teorias tanto de um tema específico quanto de uma *nova ciência*. Alexius Meinong, pertencente à *Escola de Graz*, resulta como um pensador desse período histórico em que desafia princípios da filosofia clássica ao mesmo tempo em que se diferencia da influência recebida de Franz Brentano.

Alexius Meinong ousa ao propor a *teoria dos objetos* exposta na obra *Über Gegenstandstheorie – Selbstdarstellung*, de 1904. A ousadia corresponde a ir além de uma metafísica, pois se delineia uma nova ciência centralizada nos objetos (*Gegenstand*). Essa nova ciência requer fundamentos metafísicos, ontológicos, linguísticos e psicológicos em um equilíbrio entre a formação formal advinda de Franz Brentano e uma diferenciação a fim de ser uma *filosofia de Alexius Meinong*. Não é casual a adesão de pensadores a essa proposta de *teoria dos objetos* em que reverbera até o presente momento com as devidas correntes como *meinonguianismo*, *neomeinonguianismo* e os *antimeinonguianos*.

Para uma nova ciência, a pergunta central é *o que é conhecimento?*. Essa pergunta e a tentativa de resposta não são novas na filosofia e, com isso, Alexius Meinong não é um *aventureiro* em esse quesito. A novidade advém, entretanto, ao direcionar a resposta a partir e com o objeto (*Gegenstand*). A resposta do pensador austríaco inicia por meio da proposta da *teoria dos objetos*, mas é importante salientar as obras do pensador anterior e posterior a do ano de 1904 tendo em vista o direcionamento dado por Alexius Meinong a formar um *sistema de filosofia*.

O início da resposta para *o que é conhecimento?* é estabelecido com a intencionalidade compreendida como a junção entre experiência da realidade e da consciência em direção a algo. Essa realidade não é limitada ao que existe, à realidade efetiva e, conseqüentemente, não é passível de limitação pela metafísica e pela ontologia. A realidade demanda ser compreendida como expansiva em dupla direção: expansão da realidade e expansão do conhecimento. Essa dupla direção detém no objeto o fundamento central em que estão abrangidos objetos existentes, objetos subsistentes e objetos impossíveis.

É uma expansão e um alargamento do conhecimento em uma *aventura*, cujo caminho na *selva de Meinong* é se deparar com o *ser* e o *existir*, com os *possibilia* e com os *impossibilia*. A expansão do conhecimento está relacionada à expansão da realidade já que a realidade é o conjunto dos objetos. Esse conjunto dos objetos corresponde aos existentes, aos subsistentes e aos impossíveis em que se engloba (1) o efetivo, (2) o possível e o atual, (3) o possível e o não atual e (4) o que não existe de fato nem pode existir. O caminho na *aventura* da ousada proposta de Alexius Meinong consiste em objetos *posicionados* no espaço-tempo e *não posicionados* no espaço-tempo.

Não há como se aventurar na *selva de Meinong* sem considerar dois princípios: o princípio da independência e o princípio da não contradição. O princípio da independência é o meio pelo qual o pensador austríaco lida com diferenciar o ser e o ser-tal a fim de que ontologia não seja a limitadora da metafísica. De certo modo, Alexius Meinong expõe o tributo ao empirismo britânico e à psicologia de Franz Brentano no princípio da independência ao equilibrar entre a intencionalidade e as impressões, ou seja, entre os atos do pensamento e o direcionamento a algo do mundo externo. Igualmente, o princípio da independência não é suficiente, pois demanda romper com a tradição clássica, principalmente de Parmênides e Aristóteles, do princípio da não contradição. O caminho na *aventura* da proposta de Alexius Meinong consiste em considerar e incorporar contradições para argumentar sobre o ser e o não ser, o ser e o ser-tal, o ser e o existir e, principalmente, os *impossibilia*.

Os mundos possíveis ou a proximidade aos mundos possíveis em Alexius Meinong contempla lidar com os princípios da independência e da não contradição. O intento de a *teoria dos objetos* deter mundos possíveis consiste em considerar os objetos impossíveis como objetos possíveis, não atuais, nos mundos possíveis como *impossibilia* e, qualquer proposta diferente, ou não há mundos possíveis na *teoria dos objetos* ou mundos possíveis e teoria dos objetos são propostas diferentes e concorrentes. O desafio dos mundos possíveis conjuntamente com a *teoria dos objetos* é proporcional ao rompimento com a tradição clássica do princípio da não contradição com efeitos na lógica.

Alexius Meinong propicia para a filosofia novos desafios com reverberações para a metafísica, para a lógica, para a ontologia e para a linguagem. A *teoria dos objetos* na obra de 1904 pontua considerar a *opus magna* de Alexius Meinong para

que se delineiem os objetos em consonância com uma *teoria do conhecimento*, cujo escopo lida com outros princípios e problemas filosóficos desenvolvidos pelo pensador. A *teoria dos objetos* é parte, portanto, de um longo e desafiador caminho na *aventura* legada por Alexius Meinong em vistas aceitar e incorporar uma nova ciência, um novo conhecimento, um sistema de filosofia.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica. Volume II – texto grego com tradução ao lado de Giovanni Reale*. Tradução Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BACIGALUPO, Giuliano. Meinong and Husserl on Existence. Two solutions of the Paradox of Non-Existence, *Philosophia Scientiæ*, Nancy, v. 18-3, n. 3, p. 39-51, nov. 2014. Acesso em 05/06/2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/philosophiascientiae/970>.

CASATI, Filippo Gabrio Edoardo. *Being: a dialetheic interpretation of the late Heidegger*. 2016. Tese. (PhD of Philosophy). University of Saint Andrews. Saint Andrews. 2017. A versão eletrônica com texto completo. Acesso em 04/05/2020. Disponível em: <https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/11353>.

CRANE, Tim. What is the problem of non-existence?, *Philosophia*, Cham (Switzerland), v. 40, n. 3, p. 417-434, set. 2012. Acesso em 20/06/2020. Disponível em: http://www.timcrane.com/uploads/2/5/2/4/25243881/problem_of_non-existence.pdf.

HAACK, Susan. The world according to innocent realism: the one and the many, the real and the imaginary, the natural and the social. In: GÖHNER, Julia; JUNG, Eva-Maria. *Susan Haack: reintegrating philosophy*. Cham: Springer Verlag, 2016, p. 33-56. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305505412_THE_WORLD_ACCORDING_TO_INNOCENT_REALISM_THE_ONE_AND_THE_MANY_THE_REAL_AND_THE_IMAGINARY_THE_NATURAL_AND_THE_SOCIAL_2016

IMAGUIRE, Guido. Possibilia, *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*, Lisboa, p. 1-22, 2014. Acesso em 08/06/2020. Disponível em: http://compendioemlinha.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/03/imaguire_possibilia_artigo.pdf.

LECLERC, André. Intencionalidade, *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*, Lisboa, p. 1-22, 2015. Acessado em 20/06/2020. Disponível em: http://compendioemlinha.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/07/leclerc_2015_intencionalidade.pdf.

LINSKY, Bernard; ZALTA, Edward N. Is Lewis a Meinongian?, *Australasian Journal of Philosophy*, London, v. 69, n. 4, p. 438-453, dez. 1991.

LOPES, Luiz Manoel. Teoria do sentido em Deleuze, *Anais de Filosofia*, São João del-Rei, n. 10, p. 203-220, jul. 2003.

MEINONG, Alexius (1904). *Über Gegenstandstheorie – Selbstdarstellung*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1988. Acessado em 15/05/2020. Disponível em: <https://meiner-elibrary.de/media/upload/leseprobe/9783787307203.pdf>.

MEINONG, Alexius. Sobre a teoria do objeto. In: BRAIDA, Celso R. (org., trad. e apres.) *Três aberturas em ontologia: Frege, Twardowski e Meinong*. Florianópolis: Rocca Brayde, 2005. p. 91-145.

MOLINER, Fernando Montero. *Parmenides*. Madrid: Editorial Gredos, 1960.

PRIEST, Graham. (2016). The strange case of the missing non-existent objects. In: *OXFORD University Press. OUPblog*. Acessado em 27/06/2020. Disponível em: <https://blog.oup.com/2016/09/non-existent-objects-philosophy/>.

SHARPSTEEN, Noah. A Study of Analytic Metaphysics: Meinong, Quine, and Williams on Conceptual Simplicity, *Res Cogitans*, Forest Grove (OR), v. 1, n. 1, artigo 12, p. 97-104, jul. 2010. Acessado em 24/05/2020. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48853539.pdf>.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Alexius Meinong, Stanford, 2019. Acessado em 04/05/2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/meinong/>.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Paraconsistent Logic, Stanford, 2019. Acesso em 21/06/2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/logic-paraconsistent/>.

VAX, Louis. Meinong et les impossibilia avec un appendice de Gaston Thoma, *Philosophia Scientiæ*, Nancy, v. 4, n. 2, p. 1-66, 2000. Acesso em 21/06/2020. Disponível em: http://www.numdam.org/article/PHSC_2000__4_2_1_0.pdf.

*Recebido em: 30/11/2020.
Aprovado em: 17/05/2022.
Publicado em: 06/06/2022.*